

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”, Segunda Temporada

Episódio 14 – Lutas de mulheres quilombolas

Transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp)

Revisão da transcrição: Irene Chemin e Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

Material pro site

ABERTURA

Música de abertura: “Mudernage” da Ellen Oléria

Irene: Olá!

Ana: Oi, oi!

Irene: Eu sou a Irene, graduanda em Antropologia na UnB

Ana: E eu sou a Ana Noronha, também graduanda de Antropologia na UnB

Irene: Bem vindes ao mundo na sala de aula!

Ana: Essa série é produzida por estudantes da equipe do Mundaréu e nessa segunda temporada, nós estamos entrevistando antropólogas recém formadas na UnB e na Unicamp, pra conversamos sobre seus trabalhos de conclusão de curso e ouvirmos histórias dessas experiências super importantes na formação acadêmica, né.

Irene: Isso aí! Nosso objetivo é valorizar as pesquisas produzidas já no nível da graduação, assim como, através dessa troca, contribuir na formação e divulgação da Antropologia. Hoje, a gente vai conhecer o TCC do Matheus Viana: ele trabalhou com a trajetória histórica da Comunidade Quilombola Namastê de Ubá, em Minas Gerais, e especialmente com a trajetória pessoal da Mestra Maria Luiza Marcelino. O título do TCC do Matheus é “de 1836 até aqui: história de vidas, lideranças, lutas e espiritualidade de Maria Luiza Marcelino” e foi orientado pelo professor doutor vb.

Ana: A Maria Luiza Marcelino é líder espiritual e política da Associação Quilombola Namastê de Ubá, e é também Mestra de Saberes Tradicionais pela UFMG desde 2016. O Matheus compartilhou com a gente suas experiências em campo e seus aprendizados com a Mestra Maria Luiza, sua ancestralidade e sua luta. Além dos áudios que o Matheus nos enviou, nós utilizamos alguns trechos da “Videoaula #01 com Mestra Maria Luiza Marcelino” que tá no site do

Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. Esse site, além do livro que ela escreveu em 2016, o TCC do Matheus e outros materiais complementares estão na descrição desse episódio, assim como no site do Mundaréu.

Música: Tambor, Toque de Bravum

Irene: muitas vezes os caminhos que nos levam até o campo são abertos pelo coração....

BLOCO ÚNICO

Matheus: Alguma coisa simples me atraiu para lá, eu simplesmente senti que eu deveria estar ali, e depois, entendi o porquê...

Maria Luiza canta (do vídeo "Encontro dos Saberes"):

Ele é um caboclo bruto lá do fundo do grotão

Ele é um caboclo bruto lá do fundo do grotão

Oh tirá pempa risca o ponto, vem salvar nossos irmão

Oh tirá pempa risca o ponto, vem salvar nossa nação

Matheus: Bom, é... Sobre essa questão da escolha do meu tema e da minha orientação, acho que preciso voltar um pouco ali pra 2017 quando numa disciplina com a professora Soraya Fleischer eu acabei entrando em contato com a antropologia da emoções... [...] E foi a partir daquele momento que eu procurei mais leituras que eu procurei entender melhor como é que funcionava a área aqui no Brasil e no mundo também, e foi a partir daqui que eu comecei a formular um projeto de buscar trabalhar com comunidades quilombolas e também dentro da antropologia das emoções né. Por trabalhar com comunidade quilombolas que eu procurei o professor Carlos Alexandre que é, um dos maiores nomes a produzir trabalhos com comunidades quilombola, sua contribuição é enorme assim e, e muitas comunidades quilombolas o conhecem sabem disso, então, fui atrás de conversar com ele e ver o que ele achava da minha ideia, ele gostou do meu projeto, confiou no meu projeto confiou em mim além de tudo e decidiu me orientar sim. Dentro de várias conversas a gente decidiu que eu ia pra Minas Gerais não só por eu ter uma identificação familiar com o estado. Alguma coisa simples me atraiu para lá, eu simplesmente senti que eu deveria estar ali, e depois, entendi o porquê, mas, é, e aí isso acabou me levando pro interior de Minas Gerais, a cidade de Ubá, aonde a gente buscou aqui em Brasília ainda o primeiro contato com essa liderança, a Maria Luiza, que disse me receberia de braços abertos e assim ela me recebeu quando primeira vez cheguei lá pra conversar com ela pessoalmente. e, lá conversando com ela e conversando com outras pessoas da comunidade depois, é, eu reparei que tinham pessoas que estavam muito abertas a conversar sobre diversas coisas e que talvez seria muito mais rico de ouvir sua liderança e o que essas pessoas tinham a dizer, né, e isso acabou me levando pro tema de trabalhar com a trajetória de vida da liderança da comunidade, né ou seja cheguei lá pensando numa coisa saí de lá sabendo que gostaria de trabalhar com outra coisa e o Carlos aceitou a minha mudança de tema, e voltei pra lá duas semana depois com essa ideia de que eu iria trabalhar com a trajetória de vida da Maria Luiza, é, com a trajetória da comunidade e do que acontece ali já a mais de um século né.

Irene: Massa, Matheus, que legal esse caminho cheio de emoções [risos] pra chegar até o seu campo, lá na Comunidade Quilombola Namastê de Ubá, em Minas. Já no início do seu TCC você problematiza a “história oficial” da cidade de Ubá, porque a gente sabe que no Brasil como um todo né, as tentativas de apagar as histórias de resistência do povo negro, das comunidades quilombolas, indígenas são violências infelizmente fundantes né do nosso país e que se dão de muitas formas, seja pela não demarcação das terras, pelo apagamento das histórias, pelo silenciamento das pessoas, o higienismo nas cidades... Mas o encontro com a Mestra Maria Luiza Marcelino te deu muita história pra contar, histórias que precisam ser contadas mesmo, e precisam ser ouvidas com atenção, né?

Matheus: Tem muitas histórias assim né, são 5, 6 meses de campo... tem bastante coisas legal assim, mas eu acho que uma das histórias que mais me emociona assim tem a ver inclusive com o terreiro e com a espiritualidade né. A Luiza como eu coloco assim ela não se fala tanto em mãe de santo mas muito mais em zeladora né, como uma zeladora da umbanda, de saberes passados pelos antepassados, pelos guias né, pela sua mãe, pela sua vó. Uma das coisas que me chamou muita atenção que a Luiza falou foi que ela não dorme de camisola porque ela sabe que de madrugada alguém vai bater à porta dela, são as consultas da madrugada né que ela falou. Tem muita gente que vai de madrugada atrás de uma consulta né pra procurar por uma cura seja física, psicológica, espiritual... E ela também relatou que muitas das pessoas que vão lá de madrugada são de outras religiões, né, principalmente religiões cristãs. E aí é uma coisa que ela fala né, fala assim olha, “pode bater o meu maior inimigo, a pessoa que mais fez mal pra mim, pro meu povo negro, pra minha comunidade, né eu vou atender, porque faz parte do meu ofício enquanto zeladora né. Se foi me dado esse dom, se eu estudei pra isso, foi me passado esses conhecimentos, eu tenho que estar aqui e atender todo mundo que de fato sim aparece aqui na minha porta, bate na minha porta procurando por isso né.” Então eu acho que é uma das coisas que mais me emocionou, que eu, a gente viu ali porque é uma situação engraçada né esse negócio da consulta de madrugada, porque tem muito a ver com a própria religião mas também tem muito a ver com a Luiza de considerar essa parte da vida dela enquanto zeladora uma das partes mais importantes da vida dela. Essas coisas estão acima de tudo, pessoas que podem inclusive ter sido racistas, é... praticado intolerância religiosa com a própria umbanda, que se baterem ali vão ser atendidas pela Luiza. Mas eu acho que é uma das passagens que mais mostra, né, a beleza que é a existência da Luiza nesse lugar aqui, nessa vida aqui né.

Ana: Entendi, muito importante seu trabalho!! Matheus, além de antropólogo você também é fotógrafo, e fez registros fotográficos em campo. Como foi esse processo?

Matheus: Primeiro de tudo, como eu comento no meu trabalho, a fotografia está presente na minha vida já há muito tempo, até mais tempo do que a própria antropologia, e descobrir que eu podia juntar uma coisa da outra, fazer uma prática de antropologia visual ali, é... foi uma felicidade muito grande. Eu vejo muito né, enquanto fotógrafo, não só enquanto antropólogo, mas enquanto fotógrafo, eu vejo muito a fotografia como uma questão de retratar né diversas coisas, além mesmo até da memória né, retratar uma realidade, retratar a paisagem, retratar o momento. e aí momento, né, memórias, e lugares que colocam a gente em uma imersão daquele, daquilo que é mostrado na fotografia, é... e mexe com a gente de uma certa forma, a nos trazer para aquele local, para aquela pessoa, para aquele momento, e.. enfim eu vejo a fotografia muito como isso, assim, como essa prática que resgata, que também é imersiva, e enfim... A foto que foi tirada de dentro do terreiro, tinha só a Luiza né, ali dentro do terreiro, em frente a, aos santos, as estatuetas. Quando eu fui fotografar essa gira, eu já tinha em mente que as fotos reveladas dessa gira fariam parte daquele momento de retribuição que a gente tem

depois do campo, com quem participou dele né, e foi justamente isso que aconteceu. É, então, o que que aconteceu no dia da gira, né, quando eu entrei lá peguei uma lente né da minha câmera que tinha uma exposição melhor no escuro, mas no final das contas o que eu percebi ali na hora é que eu queria que a foto fosse escura, né. por que o ambiente ele é um pouco mais escuro, ele é totalmente a luz de velas, e é muito bem iluminado, a gente consegue ver muito bem ali, eu olhei e falei, se eu quero retratar, se eu quero fazer com que as pessoas se sintam aqui dentro, tenho que trabalhar com essa iluminação, e aí por isso que as fotos são um pouco mais escuras, porque eu queria que as pessoas que têm acesso a vê-las pudessem olhar e se sentir ali imersas dentro daquela experiência, né. então tem um pouco da minha visão, tem um pouco da tentativa de retratar como é ali dentro, e principalmente fazer com que as pessoas se sintam próximas ali daquele momento também.

Irene: Que lindo, Matheus. Como foi, na prática, chegar lá na Comunidade? Conta pra gente alguns desafios que você vivenciou?

Matheus: é, eu saí de Brasília fui morar na cidade de Ubá, a onde fica localizada a Comunidade Namastê de Ubá, e fui morar por lá por seis meses, e fui muito bem acolhido pela comunidade, me receberam muito bem sempre, é... mas, ficar longe de casa assim, né, repentinamente, sem se preparar tanto, se jogar no mundo assim como alguns antropólogos dizem, às vezes é, traz umas condições que apertam o coração assim. A Maria Luiza, a líder da comunidade, já havia né me avisado de que a partir do momento que a cidade, né, as autoridades públicas da cidade descobrissem que eu tava trabalhando com a comunidade, algumas portas iriam se fechar, principalmente dentro de algumas repartições públicas como a prefeitura, né, e algumas outras coisas assim, e, acabou que de certa forma, a autoridade que a Luiza tem acabou abrindo algumas portas também, principalmente pra fora da cidade onde ela é mais reconhecida, mas também, é, acabou abrindo algumas portas com o poder público ali que ela começou a me incluir em algumas das suas visitas, às casas né, à câmara dos vereadores, a prefeitura, eu comecei a participar de algumas coisas com ela, aonde minha presença enquanto antropólogo estava ali e meu ofício enquanto antropólogo também estava presente né produzindo e aproveitando dessas situações pra poder é fazer minhas observações quando necessário e quando possível.

Ana: Ou, legal demais essas experiências, e tantas outras que você relata no seu TCC, como as redes da Mestra Maria Luiza, seu ofício e sua força espiritual ancestral, a importância central da memória de tudo isso. E sobre os seus resultados, quais foram os principais?

Matheus: Olha, um dos meus maiores resultados de pesquisa e dos meus aprendizados, eu acho que foi um momento que eu me vi fazendo aquilo que eu tinha estudado tantos anos pra fazer né, e depois de ter lido os clássicos ali né, Boas, Malinowski, essa galera, além dos aprendizados com as metodologias, né, as técnicas de, de trabalho de campo e essas questões assim, eu acho que um dos maiores aprendizados que a gente pode tirar de clássicos assim é entender o contexto o qual aquelas etnografias foram produzidas né, as suas intenções colonialistas, imperialistas ali também, é... principalmente aprender a não exotizar e não primitivizar né, ali com fizeram. Acho que esse é um dos grandes aprendizados que a gente pode tirar, coisas do que não fazer quando a gente tá em trabalho de campo. E outras também que eu acabei me voltando muito durante a época do meu trabalho, né, o próprio professor Carlos, meu orientador, o João Passos que trabalhou com trajetória de vida também ali da Universidade de Brasília. É, depois de ter lido tanto sobre esses trabalhos, de ter visto o que essas pessoas fizeram, eu me vi pela primeira vez fazendo isso, né, e eu acho que essa coisa de ter me lançado no mundo, me lançado ali no trabalho de campo, que foi aonde eu peguei mais os aprendizados ali de verdade, não só no fazer antropológico mas também pessoalmente, é, enquanto, é, um

homem negro né no Brasil e tendo contato com uma comunidade quilombola liderada pela pessoa que é a Maria Luiz Marcelino né. Mais cedo, no ano de 2020 ali, eu tive a oportunidade de saber que o meu trabalho fez parte da concessão do título de Mestre de Saberes Tradicional pra Maria Luiza, né, ali da UFMG. Né, então saber que é meu trabalho com ela pôde servir de alguma coisa pra comunidade né, é, saber que o trabalho gerou retribuição pra comunidade, gerou retribuição pra líder da comunidade, e isso pra mim eu acho que é o maior resultado da minha pesquisa, e se voltar a ne gerar retribuições no futuro com certeza vão continuar sendo os maiores resultados da minha pesquisa, né, afinal de contas é uma pesquisa que foi feita com eles, com a trajetória de vida da população quilombola dali, com a trajetória de vida da líder da comunidade, então eu acho que um dos maiores resultados tem a ver com a comunidade e o que essa pesquisa também parte pra eles né, fez para eles. Então acho que é isso assim.

Música: Tambor, Toque Ijexá

FECHAMENTO

Irene: O que mais precisa ser dito, depois disso gente?

Ana: Realmente acho que nada, né amiga. O Matheus falou tudo e que venham mais resultados práticos e políticos como esse

Irene: E vida longa à Comunidade Namastê de Ubá!

Irene: Vamos ficando por aqui com o trabalho do Matheus, esse trabalho maravilhoso! Quero agradecer muito a ele por ter sido super atencioso no processo de entrevista e construção desse episódio. Agradeço a Mestre Maria Luiza e ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG pela disponibilidade dos materiais. E também a você, Ana, pela companhia na apresentação e por ter arrasado nos tambores pra trilha sonora, você manda muito! Esperamos que vocês tenham gostado de nos ouvir!

Ana: Também queremos agradecer a toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente a Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto de pesquisa, ensino e divulgação científica.

Música: “Mudernage” da Ellen Oléria

Irene: Sigam o Mundaréu nas redes sociais, estamos no Instagram, Facebook e Twitter. E pra ouvir outros episódios, encontre a gente no seu tocador favorito ou no site mundareu.labjor.unicamp.br. Tchau gente, até mais!!

Ana: Um beijo galera, valeu!

[fim da música]